

Sobre a apresentação do livro Refresco na Galeria Santa Maria Maior

A praia não é apenas um ponto de encontro entre o mar e a terra. É um território de ritmos próprios, onde cada um se entrega de forma singular à procura de um tempo que se arrasta com a lentidão do que queremos eterno, ainda que efêmero. A cada verão somos convocados para este ritual — ora sereno, ora revoltado, mas sempre num ritmo próprio, feito de gestos repetidos e de hábitos que se renovam, como o próprio ciclo das marés. O mar desafia-nos com a sua vastidão, a sua força e o seu ruído tão próprio que às vezes é silencioso. É, simultaneamente, refúgio e provocação e é essa dualidade que, dia após dia, ano após ano, nos atrai.

Fernando Pessoa, com a sua poesia melancólica e introspetiva, revela-nos a verdadeira profundidade da relação entre o mar e o ser português. A praia surge, ela própria, como uma reflexão, onde o infinito se encontra com a finitude, onde a alma se dissolve na vastidão do oceano e em que cada grão de areia é um mundo. Tal como na sua poesia, onde o tempo e o espaço se diluem, a praia é uma metáfora dos encontros e desencontros da nossa própria existência.

Com Flávio Andrade vemos um olhar semelhante: ele captura o efêmero, o momento fugaz que define o tempo de um verão. As suas fotografias são reflexões sobre o tempo, sobre o chamamento do mar. Como ele escreve: “Estou quente. Os pés demolidos na água salgada e a ideia que tenho em mãos, sobreaquecem-me e estimulam-me. Refresco-me.” A praia, com os seus rituais, é um espaço de renovação permanente, onde o corpo, aquecido pelo sol ou pelo cansaço da rotina, encontra a energia que vem da água, mas também do tempo que se estende, imutável. Mergulhar torna-se um gesto profundo, que remonta à essência do ser, à procura de algo que vai além da superfície e do que se vê.

É isto que Flávio Andrade nos oferece, através da sua lente. A intensidade do ritual da praia, que se reflete nas suas imagens com uma poesia silenciosa, mas poderosa. Flávio não nos apresenta simples fotografias da costa portuguesa, mas fragmentos de um tempo partilhado, de uma experiência coletiva que é, ao mesmo tempo, pessoal e universal. Cada fotografia é um convite a olhar para o mar, para o momento, para o corpo e para a alma, e a perceber que o que nos move, o que nos atrai, não é apenas o desejo de estar, mas o desejo de reencontro e, talvez, de renovação.

Em Refresco somos convidados a reviver os nossos próprios rituais à beira-mar, a reconhecer, na sombra e na luz, o reflexo de uma parte de nós próprios, que se revela no simples gesto de estender uma toalha, de um mergulho ou de perder o olhar no horizonte, à espera de algo que, apesar de não se concretizar na sua plenitude, mantém-nos numa constante busca.

Rute Reimão